

O AMADURECIMENTO DE PERCY JACKSON EM *O ÚLTIMO OLIMPIANO*: O
ENCERRAMENTO DE UM CICLO

THE MATURATION OF PERCY JACKSON IN *THE LAST OLYMPIAN*: THE
CLOSING OF A CYCLE

Pedro Afonso Pereira Torres¹
Eldio Pinto da Silva²

RESUMO

Este artigo analisa o processo de amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano*, quinto volume da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan. O objetivo é compreender como as decisões e ações do personagem refletem sua evolução emocional e ética ao longo da narrativa. A hipótese é que o amadurecimento se manifesta por meio de escolhas altruístas, como a recusa da imortalidade e a defesa do bem coletivo, sinalizando o encerramento simbólico de seu ciclo heroico. A análise fundamenta-se nos textos *A Jornada do Herói*, proposto por Joseph Campbell (2007); “As releituras do herói homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*”, de Larissa Q. Perreira (2024); “A nova face de Perseu: uma leitura de Percy Jackson como herói contemporâneo”, de Rodrigo Scheidt (2020) e nas reflexões de Ana Maria Machado (2009) sobre a função formativa da literatura infantojuvenil. Também são considerados estudos que discutem o amadurecimento de heróis juvenis e releituras contemporâneas da mitologia grega. A relevância da pesquisa está na compreensão de como trajetórias ficcionais como a de Percy Jackson podem influenciar a formação crítica e emocional de jovens leitores ao tratar de temas como empatia, justiça e responsabilidade. A metodologia adotada é qualitativa e interpretativa, por meio da análise de trechos da obra que evidenciam a transformação do protagonista, confrontados com referenciais teóricos. Com base nos resultados, conclui-se que a trajetória de Percy Jackson vai além da aventura mitológica, configurando-se como um percurso simbólico de amadurecimento e inspiração para o público juvenil.

Palavras-chave: Percy Jackson. Amadurecimento. Jornada do Herói. Literatura infantojuvenil. Mitologia grega.

ABSTRACT

¹ Aluno do curso de Letras Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Professor de Teoria da Literatura e Literaturas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. e-mail: eldio.pinto@ufersa.edu.br.

This article examines the maturation of the protagonist Percy Jackson in *The Last Olympian*, the final volume of Rick Riordan's series *Percy Jackson and the Olympians*. The study investigates how Percy's emotional and ethical growth is reflected in key decisions throughout the narrative, particularly his rejection of immortality and advocacy for justice and equality among demigods. Grounded in Joseph Campbell's theory of the Hero's Journey (2007) and supported by reflections on the educational role of young adult literature (Machado, 2009), the research highlights how Percy embodies a more humanized and ethical model of heroism. By comparing Percy's development to other young heroes and analyzing the reinterpretation of classical myths in contemporary literature, the study concludes that Percy's journey offers a meaningful narrative of transformation and leadership for young readers.

Keywords: Percy Jackson. Maturation. Hero's Journey. Children's and Young Adult Literature. Greek Mythology.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil desempenha um papel fundamental na formação dos leitores, especialmente quando apresenta protagonistas que vivenciam processos de amadurecimento ao longo da narrativa. A série *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan, é um exemplo marcante desse tipo de literatura, amplamente reconhecida como pertencente ao gênero infantojuvenil por abordar temáticas relacionadas à adolescência, identidade e responsabilidade, com uma linguagem acessível. A própria editora brasileira da obra, a Intrínseca, classifica a série como destinada ao público jovem³. Além disso, a estrutura narrativa em primeira pessoa e o uso de humor e ação contribuem para aproximar o leitor juvenil da experiência de crescimento do personagem. Ao combinar elementos de fantasia e mitologia grega, Riordan constrói uma trajetória que reflete os dilemas e desafios vivenciados por muitos adolescentes através da saga de Percy Jackson.

No quinto e último volume da série, *O Último Olimpiano*, Percy Jackson, personagem principal, enfrenta desafios que exigem não apenas força e coragem, mas também maturidade emocional, senso de responsabilidade e tomada de decisões. Neste trabalho, entende-se amadurecimento como um processo de transformação interna que envolve autoconhecimento, desenvolvimento emocional e a capacidade de tomar decisões éticas e coletivas. Diante disso, este artigo busca responder ao seguinte problema: como o amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano* é simbolizado por suas decisões e ações altruístas, e de que forma essas escolhas representam o encerramento de seu ciclo como herói? Parte-se da hipótese de que o amadurecimento do protagonista se evidencia à medida que ele realiza escolhas que envolvem sacrifício pessoal, aceitação do próprio destino e compromisso com o bem coletivo, o que

³ A editora Intrínseca classifica a série Percy Jackson e os Olimpianos dentro dos gêneros fantasia, ficção científica e infantojuvenil em sua página oficial do box da série. Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/livros/percy-jackson-e-os-olimpianos-box/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

reforça o caráter formativo da série como literatura infantojuvenil, mostrando o amadurecimento do personagem de modo que o jovem leitor possa se identificar e refletir sobre sua própria trajetória.

Com este trabalho, tem-se como objetivo geral: analisar o amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano*, destacando como suas ações e decisões refletem o fechamento de sua jornada heroica. Como objetivos específicos, buscar-se-á: (1) compreender como suas escolhas diante da Grande Profecia refletem crescimento emocional e senso de responsabilidade; e (2) examinar como suas atitudes altruístas consolidam sua maturidade e simbolizam o fim de seu ciclo como herói.

A fundamentação teórica apoia-se em *A Jornada do Herói*, de Joseph Campbell (2007); os artigos “As releituras do herói homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Iliada* e *O Último Olimpiano*”, de Pereira (2024) e “A nova face de Perseu: uma leitura de Percy Jackson como herói contemporâneo”, de Scheidt (2020) e em ensaios de Ana Maria Machado (2009) sobre *Infância e Literatura*, com destaque para o papel da literatura infantojuvenil na formação crítica dos leitores. A escolha de autores como Joseph Campbell (2007), Ana Maria Machado (2009), Pereira (2024) e Scheidt (2020) justifica-se pelo alinhamento direto com os objetivos do trabalho: compreender como o amadurecimento simbólico e emocional de personagens juvenis é construído literariamente. Para alcançar esse objetivo, esta pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa e interpretativa, por meio da análise de trechos selecionados da obra *O Último Olimpiano*, relacionados à jornada do herói e às escolhas do personagem principal que revelam seu crescimento pessoal.

O estudo também se baseia em análises de outras narrativas juvenis, como as que abordam o amadurecimento de Harry Potter (Montandon; Gambaro, 2013, p. 2–4) e na releitura dos arquétipos heroicos da mitologia clássica feita por Riordan em *O Último Olimpiano*. Dessa forma, destaca-se Pereira (2024, p. 68) ao relatar sobre o protagonismo de Percy na reta final da narrativa: “Durante toda a última batalha, que cerca quase todo o livro, Percy demonstra grande liderança, tentando administrar da melhor maneira possível todas as frentes de batalha contra o exército de Cronos em diversos lugares de Manhattan”. Essa observação evidencia como Riordan retoma os preceitos do herói grego, reinterpretando-os no contexto contemporâneo de um adolescente que amadurece enfrentando provas de ordem estratégica, moral e emocional. Pereira também destaca a forma como Percy internaliza valores como coragem e responsabilidade, aproximando-se da tradição heroica em uma chave moderna, acessível ao público jovem.

Pereira (2024) analisa como Riordan retoma os preceitos do herói homérico, como a *timé* (honra) e a *areté* (virtude), e os ressignifica na figura de Percy Jackson, que, ao invés de agir guiado pela glória individual, toma decisões com base em empatia, estratégia e responsabilidade moral. Segundo Pereira, o protagonista internaliza valores éticos fundamentais que o tornam um herói contemporâneo, próximo da experiência juvenil e comprometido com o coletivo. Desse modo, as contribuições de Pereira enriquecem a presente análise ao mostrar como *O Último Olimpiano* combina mitologia e protagonismo juvenil para representar um processo de amadurecimento com impacto formativo — tanto para o personagem quanto para o leitor.

A proposta é, portanto, contribuir para a valorização da literatura infantojuvenil enquanto campo de reflexão sobre identidade, responsabilidade e crescimento, tomando como foco a trajetória de amadurecimento de Percy Jackson. Embora esse gênero seja amplamente consumido e tenha grande impacto entre leitores jovens, muitas vezes é tratado com certa reserva em contextos acadêmicos, sendo associado prioritariamente ao entretenimento. No entanto, essa visão tem sido progressivamente revista por estudiosos e escritores, como Ana Maria Machado (2009), que defende que obras voltadas ao público jovem desempenham um papel crucial na formação ética e crítica dos leitores, ao permitir o contato com questões profundas por meio de narrativas acessíveis e envolventes. Assim, analisar obras como *O*

Último Olimpiano é também reconhecer a potência formadora e literária infantojuvenil como expressão legítima da experiência humana.

Este artigo está organizado em seções capítulos, além da introdução. A seção 1 apresenta a trajetória de amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano*, com base na teoria de *A Jornada do Herói*, de Joseph Campbell, discutida ao longo de duas subseções. A seção 2 aborda como Percy rompe com o arquétipo clássico do herói, construindo uma figura mais humanizada e ética. A seção 3 aprofunda a importância da Grande Profecia como símbolo de sua maturidade emocional e da divisão de poder entre os semideuses. Já a seção 4 se concentra no papel formativo desse novo modelo de heroísmo, discutindo o impacto na formação crítica do leitor jovem. Por fim, as considerações finais retomam os principais argumentos desenvolvidos ao longo do trabalho e reflete sobre a relevância da literatura infantojuvenil como instrumento de construção ética, social e identitária entre os jovens leitores.

2. O AMADURECIMENTO DE PERCY JACKSON EM O ÚLTIMO OLIMPIANO: JORNADA, DECISÕES E TRANSFORMAÇÃO

O amadurecimento de Percy Jackson é resultado de uma construção gradual ao longo da saga *Percy Jackson e os Olimpianos*. No primeiro volume, *O Ladrão de Raios*, Percy é apresentado como um adolescente desajustado, impulsivo e muitas vezes confuso quanto à sua identidade e papel no mundo dos deuses. Um exemplo disso é seu comportamento reativo diante dos perigos, como quando ataca a Medusa por instinto e só depois percebe as consequências.

No segundo volume, *O Mar de Monstros*, já é possível observar avanços na sua noção de responsabilidade, especialmente quando Percy embarca em uma missão arriscada para salvar seu amigo Grover e proteger o acampamento, demonstrando lealdade e coragem crescentes, ainda que impulsivas.

Em *A Maldição do Titã*, terceiro livro da série, Percy começa a demonstrar maior empatia e senso de responsabilidade, ao arriscar a própria vida para proteger seus amigos, mesmo quando isso contraria ordens diretas. Já em *A Batalha do Labirinto*, a liderança começa a surgir com mais força, como quando ele assume o comando de uma missão sem depender dos adultos do acampamento.

A jornada de Percy Jackson alcança seu ponto culminante em *O Último Olimpiano*, obra que representa o encerramento simbólico de sua jornada heroica. Joseph Campbell (2007, p. 30), ao propor a estrutura do monomito, define esse percurso como um padrão comum a diversas mitologias: “O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito”. Observa-se que Joseph Campbell descreve que há um padrão narrativo presente em diversas histórias míticas e épicas. Esse padrão apresenta uma estrutura cíclica onde o herói parte em uma aventura, enfrenta desafios, obtém sucesso em uma crise decisiva e retorna transformado.

2.1 A saga de Percy Jackson e o encerramento do ciclo em Os Olimpianos

Segundo a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, os arquétipos são estruturas simbólicas universais presentes no inconsciente coletivo, que moldam padrões de comportamento e de narrativa. O arquétipo do herói, por exemplo, representa a jornada de superação e transformação, enquanto o do vilão encarna a ameaça e o conflito a ser vencido. Essas imagens são reproduzidas culturalmente e influenciam a forma como as histórias são construídas e interpretadas.

Ao construir Percy Jackson como um herói falível e reflexivo, Rick Riordan rompe com o arquétipo clássico centrado na força e na glória individual, oferecendo ao leitor jovem um

modelo mais próximo da realidade, marcado por dúvidas, escolhas difíceis e compromissos éticos. Essa representação do herói moderno aproxima o personagem de seu público-alvo e fortalece o potencial formativo da literatura infantojuvenil.

A saga de Percy Jackson não é idealizada: ele sente medo, sofre perdas, questiona sua missão e amadurece progressivamente. Um exemplo claro disso surge quando, diante da iminência do conflito final, ele expressa sua insegurança: “Eu ficava imaginando se meus pais estariam vivos quando tudo isso acabasse. [...] Era como se eu estivesse indo para uma guerra da qual ninguém voltava igual” (Riordan, 2014, p. 68). Ao se deparar com o peso da responsabilidade, Percy cresce emocionalmente e passa a pensar no coletivo. Assim, ao invés de buscar recompensas pessoais, ele opta por beneficiar todos os semideuses. Essa atitude se alinha ao conceito de “retorno com o elixir”, presente na teoria de Joseph Campbell (2007), em que o herói, após enfrentar provações transformadoras, retorna ao seu mundo com algo valioso para compartilhar com a comunidade — não necessariamente uma dádiva material, mas um conhecimento, uma consciência ou uma postura ética.

Riordan traduz essa estrutura mítica em um contexto contemporâneo e acessível. Ao fazer isso, ele transforma a jornada heroica em um espelho simbólico para o leitor jovem, que, assim como Percy, enfrenta seus próprios desafios, dúvidas e decisões morais no processo de crescimento. O que se evidencia é o papel ativo da literatura infantojuvenil como espaço de formação ética e crítica. No caso de *O Último Olimpiano*, isso se manifesta quando o protagonista não apenas luta contra forças externas, mas também questiona estruturas de poder — como ao exigir dos deuses mudanças no tratamento aos filhos de divindades menores. Essas decisões morais e sociais feitas por Percy materializam, na narrativa, exatamente o tipo de reflexão que Ana Maria Machado defende: o leitor não apenas acompanha a história, mas é convidado a pensar sobre desigualdade, justiça e empatia a partir das ações do herói.

Dessa forma, *O Último Olimpiano* extrapola a narrativa de aventura e se consolida como um percurso simbólico de formação — tanto do personagem quanto do leitor. A saga de Percy Jackson não apenas entretém, mas ensina, instiga a reflexão e propõe novos paradigmas de heroísmo, baseados em empatia, justiça e responsabilidade. Christopher Vogler (2006, p. 237), ao reinterpretar o estudo da jornada do herói proposto por Campbell para o contexto do roteiro narrativo contemporâneo, afirma que a etapa final é marcada pela “recompensa”: o herói, após superar seus maiores desafios, retorna com algo transformador, não apenas para si, mas para a coletividade. Essa atitude marca o encerramento de sua trajetória como herói central da saga e o reposiciona como uma figura de liderança ética, cuja autoridade é baseada na experiência e na empatia, não apenas na força ou no sangue divino.

A transformação do herói é percebida também por personagens próximos a Percy, como Annabeth. Após os eventos mais intensos da batalha contra Cronos, ela observa o comportamento ponderado, firme e reflexivo de Percy diante das decisões mais importantes da guerra e reconhece a maturidade conquistada: “Você não é mais o mesmo garoto que chegou ao Acampamento Meio-Sangue”. (Riordan, 2014, p. 252). Isso sintetiza não apenas a percepção alheia, mas a própria construção simbólica do herói que completou sua jornada: Percy já não age com impulsividade juvenil, mas com consciência de suas responsabilidades e compromisso com o grupo de semideuses e revela a percepção da transformação de Percy, agora visto como alguém capaz de orientar os novos heróis. Sobre a evolução do personagem, pode-se considerar a assertiva de Scheidt (2020, p. 6), que aponta: “Diferente do guerreiro invencível, Percy é vulnerável, tem medos, sofre perdas e amadurece com base nas experiências e relações que estabelece ao longo da narrativa”. Esta afirmação desloca a centralidade da narrativa heroica do combate físico para a maturação emocional, fortalecendo seu papel como modelo para o leitor contemporâneo. A construção de Percy como herói não está ancorada apenas em feitos gloriosos, mas na sua capacidade de evoluir interiormente — o que representa uma ruptura com o arquétipo clássico e o insere como um herói do século XXI.

Nesse sentido, Percy não apenas conclui uma jornada pessoal, mas inicia uma nova fase como mentor e agente de mudança. Sua postura já não é mais de aprendiz, mas de alguém que compreende a complexidade do mundo e busca torná-lo mais justo para as futuras gerações.

Scheidt (2020, p. 6) enfatiza o impacto dessa mudança no imaginário do leitor:

Ao transformar a figura do herói em alguém que sente, falha e aprende, Riordan estabelece uma ponte entre o universo mitológico e a realidade contemporânea do leitor adolescente. Percy Jackson se torna, assim, um modelo identificável e inspirador, que oferece não apenas aventuras, mas reflexões sobre identidade, justiça e pertencimento.

Essa análise reforça a proposta central deste trabalho: Percy Jackson deixa de ser apenas o protagonista de uma série de aventuras para assumir o papel de referência ética e emocional. Ao apresentar um herói vulnerável, reflexivo e engajado em causas coletivas, Riordan oferece ao jovem leitor um espelho simbólico de crescimento e consciência social. Assim, o encerramento do ciclo de Percy Jackson se dá de forma coerente com os elementos da jornada mítica, mas com uma ressignificação contemporânea que o aproxima de um arquétipo de herói mais humano, reflexivo e comprometido com a transformação coletiva. Esse encerramento é simbolizado quando Percy cita as dores emocionais que os semideuses sentiam ao não serem reconhecidos por seus pais e mães: “Eles sentiam raiva, ressentimento e carência de afeto... e tinham bons motivos para isso.” (Riordan, 2014, p. 356).

Portanto a escolha de Percy Jackson revela que ele não busca poder ou glória pessoal, mas valoriza a experiência vivida, os vínculos afetivos e a justiça para os outros semideuses. Ele retorna transformado, consciente de que sua missão não é apenas vencer batalhas, mas inspirar todos os guerreiros do Olimpo. Essa perspectiva fortalece a relevância da obra de Rick Riordan dentro da literatura infantojuvenil e contribui para o desenvolvimento crítico do jovem leitor, que encontra em Percy um modelo de liderança e amadurecimento.

Enfim, a saga de Percy Jackson, ao unir mitologia e fantasia com uma abordagem acessível e sensível, revela-se como um instrumento pedagógico de grande valor. A partir da ficção, o leitor jovem é convidado a pensar criticamente sobre o mundo à sua volta, sobre as injustiças sociais, os papéis que ocupa e as mudanças que pôde promover. Dessa forma, Riordan contribui não apenas para a renovação do mito do herói, mas para a formação de uma nova geração de leitores conscientes, capazes de enxergar na jornada do outro o reflexo de suas próprias batalhas internas.

2.2 O processo de amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano*

Em *O Último Olimpiano*, Percy vivencia sua provação máxima ao enfrentar o destino profetizado, confrontar Cronos e tomar decisões que transcendem o individual. É nesse momento que ele revela sua transição definitiva de um jovem impulsivo para um herói maduro, capaz de abrir mão da glória em nome do bem comum. Assim, observa-se que as três etapas heroicas — separação, iniciação e retorno — estão presentes ao longo da saga e ganham maior evidência no quinto volume. Destaque-se que essa maturidade é evidenciada no episódio em que Zeus lhe oferece a eternidade como recompensa por seus feitos na guerra. Percy, diferente do que faria no início de sua trajetória, recusa o presente dos deuses e opta por uma postura mais ética e coletiva:

— Sei o que vai pedir, o maior presente de todos. Sim, se é o que você quer, será seu. Os deuses não conferem esse presente a um herói mortal há muitos séculos. Mas, Perseu Jackson, se você assim deseja, será feito um deus imortal e eterno. Servirá

como tenente de seu pai para todo o sempre.
— Não — falei (Riordan, 2014, p. 353).

Desde os primeiros livros, Percy é retratado como um adolescente instável, muitas vezes motivado pela impulsividade e por conflitos pessoais. No entanto, em *O Último Olimpiano*, há uma mudança significativa em sua postura. Campbell (2007, p. 117) salienta que, durante a fase da iniciação, o herói é confrontado com provas que o testam em sua essência, moldando seu caráter: "É nessa prova suprema que o herói deve entregar-se por completo. [...] Ele deve deixar morrer a imagem anterior de si mesmo e emergir renovado, transformado pela experiência e pronto para sua nova função no mundo".

Esse processo é claramente vivenciado por Percy quando enfrenta a escolha de confiar a adaga a Luke, abrir mão da glória individual e priorizar uma solução baseada na empatia e no sacrifício. Ao tomar essa decisão, ele deixa para trás a imagem impulsiva e centrada em si mesmo e emerge como um herói consciente de seu papel ético e coletivo — exatamente como descreve Campbell em sua teoria da transformação interior do herói.

Percy Jackson não apenas enfrenta Cronos, o maior inimigo do Olimpo, mas lida com decisões morais complexas, dar outra chance para o filho de Hermes — antigo aliado — e entregar-lhe a adaga de Annabeth, acreditando na possibilidade de redenção. Essa escolha, arriscada e não baseada em certezas, mas em intuição, esperança e empatia, é evidenciada quando o próprio Percy narra:

Pensei em como Luke havia cuidado de Annabeth quando ela era pequena, como havia tentado proteger todos nós durante tanto tempo. Mesmo quando ele se uniu a Cronos, uma parte dele tinha continuado boa. A adaga de Annabeth havia atingido o ponto exato. Ela ainda acreditava em Luke. E, no final, ele havia acreditado nela. Tinha feito a escolha certa. Ele havia se sacrificado para nos salvar (Riordan, 2014, p. 341).

Esse gesto simboliza uma ruptura com o maniqueísmo que marca as primeiras fases da saga, revelando uma maturidade que transcende o heroísmo tradicional. A dimensão ética da jornada conecta-se ao que defende Ana Maria Machado (2002, p. 32), ao afirmar que a literatura infantojuvenil deve ir além do entretenimento, estimulando o pensamento crítico e a formação do leitor: "A boa literatura infantil e juvenil não serve apenas para distrair. Ela contribui para a formação do senso crítico e ético, oferecendo aos leitores mais jovens a possibilidade de refletir sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca". Nesse sentido, a literatura infantojuvenil não só espelha a realidade, mas também provoca o amadurecimento ao apresentar desafios morais e existenciais, o que reforça ao afirmar: "A literatura que se propõe a dialogar com o jovem deve também desafiá-lo a pensar sobre sua trajetória, suas perdas, seus enfrentamentos e conquistas". (Machado, 2002, p. 43).

Percy Jackson, como personagem em transformação, não apenas vive uma aventura mitológica, mas incorpora valores que dialogam com as inquietações do público jovem, como o senso de pertencimento, justiça social e empatia. Ele demonstra isso no momento em que exige dos deuses do Olimpo melhor tratamento dos semideuses marginalizados: "Quero que todos os filhos dos deuses menores tenham chalés. E que os semideuses não reclamados sejam reconhecidos dentro de duas semanas. [...] E quero chalés para todos os deuses, mesmo aqueles que vocês chamam de pequenos". (Riordan, 2014, p. 356). É assim que Percy influencia diretamente no redesenho da estrutura social dos semideuses, com a criação de chalés para os filhos dos deuses menores e a exigência de reconhecimento para todos os campistas, independentemente de sua filiação divina.

No trecho acima se revela que Percy não busca reconhecimento pessoal, mas luta por igualdade e representatividade para todos os seus companheiros. Esse gesto evidencia sua maturidade moral e sua consciência de grupo — traços essenciais para a formação de um herói

ético e solidário. Scheidt (2020, p. 6), ao analisar o personagem no artigo “A nova face de Perseu”, reforça essa perspectiva ao afirmar: “Através de Percy, o autor constrói uma figura heróica que assume suas emoções, erra, busca reparação, demonstra compaixão e empatia”. Essa visão amplia o entendimento do amadurecimento do personagem, mostrando que seu crescimento se dá não apenas pela superação de desafios externos, mas pela internalização de valores éticos que o afastam do arquétipo heroico tradicional e o aproximam de um modelo mais humano e crítico.

Assim, o amadurecimento de Percy em *O Último Olimpiano* é construído literariamente por meio de escolhas simbólicas, que evidenciam seu crescimento psicológico, moral e social. Ele não apenas retorna da jornada como vencedor, mas como alguém capaz de inspirar transformação no mundo ao seu redor, confirmando sua passagem da adolescência para a liderança.

A escolha de Percy não se baseia na força, mas em empatia, esperança e fé na transformação do outro — um gesto de profunda maturidade emocional e ética. Como pontua Campbell (2007, p. 117), o herói verdadeiro é aquele que “deixa morrer a imagem anterior de si mesmo e emerge renovado, transformado pela experiência”. Percy abandona o impulso de confronto direto e age com compaixão — o que simboliza sua transição para um novo estágio de consciência e responsabilidade. Sua ação não apenas salva o Olimpo, mas redefine o que significa ser herói: aquele que não apenas vence, mas transforma o mundo ao seu redor com coragem moral.

3. A GRANDE PROFECIA: O CRESCIMENTO EMOCIONAL, A DIVISÃO DO PODER E A LIDERANÇA DOS SEMIDEUSES

A realização da Grande Profecia representa o clímax simbólico da trajetória de Percy Jackson. Anunciada desde o primeiro livro da série, a profecia estabelece que um filho dos Três Grandes (Zeus, Poseidon ou Hades), ao completar dezesseis anos, tomará uma decisão que poderá salvar ou destruir o Olimpo. Logo no início de *O Último Olimpiano*, o personagem expressa sua dúvida em relação à profecia:

Aos dezesseis anos. Eu estava com poucos dias de distância. E ainda não tinha certeza se era mesmo eu. A profecia dizia que um filho dos Três Grandes — Zeus, Poseidon ou Hades — faria uma escolha que salvaria ou destruiria o Olimpo. Cronos acreditava que eu era esse garoto. Zeus não tinha tanta certeza. Nenhum dos deuses tinha. Eu só sabia que ainda estava vivo. (Riordan, 2014, p. 12).

Essa profecia opera como eixo central da narrativa e elemento de pressão psicológica constante sobre o protagonista, que precisa conviver com a expectativa de ser o escolhido, sem conhecer plenamente o alcance das implicações dessa escolha. Assim, Percy retoma a profecia e revela sua angústia diante da proximidade do momento decisivo:

Um filho dos três grandes deuses — Zeus, Poseidon ou Hades — chegará aos dezesseis anos contra todas as adversidades e será o herói decisivo na guerra contra o Olimpo. Ele fará uma escolha que salvará ou destruirá o mundo. [...]. (Riordan, 2014, p. 25)

Observa-se que a profecia não funciona apenas como recurso narrativo, mas como elemento formador. A insegurança, a responsabilidade e a necessidade de escolha moldam o amadurecimento de Percy e influenciam suas decisões ao longo da narrativa. Segundo Joseph Campbell (2007, p. 97), durante a etapa da iniciação, o herói enfrenta a prova mais perigosa e transformadora da jornada: “O herói, ao invés de conquistar ou conciliar com o poder do

limiar, é engolido dentro do desconhecido e parece ter morrido. Este é o estágio mais perigoso da jornada, a passagem para o reino da noite”.

Em *O Último Olimpiano*, Percy atravessa esse momento ao enfrentar Cronos e toma uma decisão que exige não apenas força, mas renúncia, escuta e empatia: ao passar a adaga de Annabeth a Luke, seu antigo inimigo, na esperança de que ele pudesse se redimir. Percy, ao invés de derrotar Luke, entrega a ele a chance de cumprir a profecia: “Use esta adaga. Acabe com isso”. (Riordan, 2014, p. 352). Ao confiar em Luke, Percy demonstra sensibilidade e capacidade de perdoar — qualidades ausentes no herói tradicional. Ele transforma sua dor, suas perdas e aprendizados em uma escolha que rompe com a lógica da violência e da glória individual. Esse gesto arriscado altera com o padrão heroico tradicional e revela uma maturidade emocional rara. Assim, quando Percy confia em Luke no momento decisivo da profecia:

— Luke... é com você — eu disse. — A profecia fala de você. Você é o herói.
Estendi a adaga de Annabeth para ele.
Os olhos dele se encheram de lágrimas.
— Ela... ainda acredita em mim?
— Sim. Acredite em si mesmo. (Riordan, 2014, p. 353)

Esse momento marca a superação do modelo heroico tradicional, em que a vitória está associada ao combate e à glória individual. É importante destacar que a relação entre Percy Jackson e Luke é marcada, inicialmente por uma amizade que se esgota e se aprofunda em conflito, se tornando inimigo, mas pode-se dizer que também há momentos de dúvida e redenção por parte de Luke, culminando em seu sacrifício final para salvar o Olimpo. Scheidt (2020, p. 7) salienta:

Ao confiar na possibilidade de mudança e sacrifício de Luke, Percy opta por uma solução que foge ao confronto direto e ao heroísmo impulsivo. Trata-se de uma postura madura, que exige escuta e abertura ao outro — elementos raramente associados aos heróis clássicos da mitologia grega.

Essa atitude permite que Luke cumpra a profecia e destrua Cronos ao custo da própria vida. Percy, portanto, não busca glória ou domínio, mas a solução mais ética e menos violenta. Ele encerra a jornada não como um guerreiro glorificado, mas como um herói que compreende o valor da confiança, do sacrifício e da escuta — e redefine o que significa ser um verdadeiro herói.

Após a batalha, Percy recusa a eternidade oferecida pelos deuses e propõe mudanças estruturais no Olimpo, demonstrando que sua jornada não o levou à busca por glória pessoal, mas a um compromisso com a justiça e a coletividade. A preocupação com a coletividade e segurança pelos outros é mais uma vez mostrada quando ele se compromete a ajudar os filhos de Hermes: “Vou lhe dar uma lista dos meus filhos. Tem um garoto no Wisconsin, duas meninas em Los Angeles, alguns outros. Você vai providenciar para que eles cheguem ao acampamento? — Prometo — falei —, e não vou me esquecer”. (Riordan, 2014, p. 361).

Essa atitude revela uma evolução interior profunda: Percy pensa nas futuras gerações de semideuses, reivindicando inclusão e igualdade. É nesse ponto que sua trajetória se alinha ao que defende Ana Maria Machado (2009, p. 45), ao afirmar que a literatura infantojuvenil deve apresentar jovens protagonistas que desafiem estruturas injustas e proponham alterações significativas: “A literatura voltada ao jovem deve ser uma ferramenta de formação crítica, capaz de provocar questionamentos e apontar caminhos, através de personagens que enfrentam dilemas morais e se posicionam diante das injustiças”.

Percy representa exatamente esse tipo de personagem: não apenas vence monstros, mas transforma instituições e inspira o leitor a pensar sobre ética, responsabilidade e transformação

social. Nesse sentido, Percy não apenas cumpre a profecia, mas a supera simbolicamente: ele transforma a previsão de um destino fatal em um gesto de ruptura com o individualismo heroico, propondo uma nova ordem baseada na inclusão, no reconhecimento e na partilha do poder. Ao final da obra, ele não é apenas um vitorioso, mas alguém que, ao retornar com o “elixir”, se transforma em um agente de mudança duradoura para seu mundo. Joseph Campbell define essa etapa como o momento em que:

O herói retorna da sua aventura com o poder de conceder benefícios aos seus semelhantes. "O último estágio da mitologia da jornada do herói é aquele no qual o herói retorna do mundo misterioso da aventura com o poder de conceder benefícios aos seus semelhantes. [...] Ele volta transfigurado, trazendo consigo algum tipo de 'elixir', sabedoria ou bênção, que pode ser compartilhado com a comunidade. (Campbell, 2007, p.221)

Percy Jackson traz de sua jornada não um troféu, mas um novo entendimento sobre poder, justiça e equidade. Trata-se de uma liderança baseada na empatia e na transformação do coletivo, o que amplia seu papel dentro da narrativa e o consolida como um herói moderno. Seu legado ultrapassa a ficção e ressoa na experiência formativa do leitor.

4. A SUPERAÇÃO DO ARQUÉTIPO CLÁSSICO: PERCY JACKSON COMO HERÓI HUMANIZADO

A construção de Percy Jackson como herói contemporâneo evidencia uma ruptura com o arquétipo tradicional presente na mitologia clássica. Diferentemente de figuras heroicas como Perseu ou Aquiles, que se destacavam por feitos grandiosos e um distanciamento emocional diante dos desafios, Percy é caracterizado por sua vulnerabilidade, empatia e senso de justiça em constante construção. Um momento marcante ocorre quando, em vez de agir por vingança após a morte de um amigo, Percy opta por respeitar sua dor:

Fiquei ali parado, tremendo de frio e raiva. Eu queria correr atrás de Ethan e acabar com ele. Em vez disso, me ajoelhei ao lado de Beckendorf e fechei os olhos. Não conseguia me convencer de que ele estava morto. A explosão não devia tê-lo matado. A armadura do Chale de Hefesto era resistente. Mas ele estava imóvel. Seus olhos não se mexiam. O sangue escorria por sua lateral, manchando o convés de bronze. Eu mal percebia o barulho da água. O navio afundava, mas eu não me mexia. A água subiu aos meus joelhos. Finalmente, um grito veio à tona, e eu o deixei sair. (Riordan, 2014, p. 109).

Esse momento revela um herói que não responde à violência com impulsividade, mas com luto e humanidade. Sua dor silenciosa fala mais alto do que qualquer ato de bravura tradicional. A humanização do herói juvenil é um traço marcante da narrativa de Rick Riordan e contribui para aproximá-lo dos leitores, oferecendo uma imagem mais realista e acessível de heroísmo.

Joseph Campbell afirma que o herói clássico, ao seguir sua jornada, é guiado por forças sobrenaturais e destinado a cumprir um papel superior no mundo:

O herói normalmente obtém o favor sobrenatural de um agente protetor (frequentemente uma velhinha ou um velho), que lhe fornece amuletos contra o dragão que ele está prestes a enfrentar. Ou então, novamente, essa etapa marca a passagem do herói para o reino da escuridão, da noite, da morte; representa o ventre da baleia, e o herói, ao invés de conquistar ou conciliar com o poder do limiar, é engolido dentro do desconhecido e parece ter morrido. Este é o estágio mais perigoso da jornada, a passagem para o reino da noite. (Campbell, 2007, p. 123)

Essa visão constrói o herói como alguém já legitimado por sua origem divina e dotado de atributos excepcionais. É dessa forma que Percy Jackson, embora filho de Poseidon, rompe com esse modelo. Ele não se apresenta como infalível ou dotado de autoridade natural, pelo contrário, revela-se inseguro quanto ao seu papel e constantemente exposto a dilemas internos.

Observa-se que essa incerteza revela um herói vulnerável, que não se apoia em destino ou força superior, mas que constrói sua identidade ao longo das escolhas e experiências vividas. Percy precisa errar, confiar nos outros e enfrentar as próprias fragilidades para amadurecer — aspectos que o afastam do arquétipo heroico clássico e o aproximam de um herói moderno, humano e acessível ao leitor. Assim, a construção de um herói vulnerável e emocionalmente acessível cria uma relação mais íntima entre personagem e leitor. Ao longo da narrativa, Percy demonstra incertezas, medos e conflitos internos que aproximam sua trajetória das vivências do público jovem. Em uma das passagens iniciais, ele expressa de forma clara sua resistência ao papel que lhe foi destinado:

Minha garganta secou. Toda essa história de missão fatal... eu não queria ser o herói. Zeus devia estar louco se achava que algum garoto ia aceitar uma missão dessas. Além disso, se os deuses estavam tão preocupados com Cronos, por que não faziam alguma coisa eles mesmos. (Riordan, 2014, p. 73).

Esse tipo de confissão, incomum em heróis clássicos, aproxima o protagonista do leitor, pois revela sua humanidade. Segundo Scheidt, essa identificação é central na proposta de Riordan:

Ao transformar a figura do herói em alguém que sente, falha e aprende, Riordan estabelece uma ponte entre o universo mitológico e a realidade contemporânea do leitor adolescente. Percy Jackson se torna, assim, um modelo identificável e inspirador, que oferece não apenas aventuras, mas reflexões sobre identidade, justiça e pertencimento. Ao abandonar o ideal do herói invencível e distante, Riordan contribui para uma literatura infantojuvenil mais próxima da vivência do jovem leitor, que reconhece em Percy suas próprias dúvidas, medos e conquistas. (Scheidt, 2020, p. 6)

A conexão emocional entre personagem e leitor se dá justamente por essa representação realista da adolescência, com seus dilemas e amadurecimento gradual — aspectos que transformam Percy em mais do que um herói de ação: ele se torna espelho e inspiração. Dessa forma, a releitura do arquétipo do herói clássico — centrado na glória individual, na força e na superioridade da linhagem — é visível na forma como Percy lida com o poder e com a liderança. Diferente de heróis mitológicos como Aquiles ou Hércules, que reafirmam sua autoridade por meio da imposição e da conquista, Percy opta por uma postura colaborativa e inclusiva. Ele aprende a dividir responsabilidades, a escutar seus companheiros e a valorizar a diversidade entre os semideuses: “Não quero a imortalidade, eu disse. Quero uma coisa diferente. Uma recompensa para os heróis que ainda estão por vir”. (Riordan, 2014, p. 353). A recusa da imortalidade oferecida pelos deuses ao fim da guerra é um momento emblemático dessa transformação, pois seu desejo é o de reformar o Olimpo, mostrando uma visão madura de poder e de liderança. Quando Percy afirma: “Não quero ser um deus. Quero uma vida normal” (Riordan, 2014, p. 353). Percebe-se, então, que Percy Jackson rejeita o poder absoluto em nome de uma vida autêntica e humana. Campbell (2007) define o retorno do herói como o momento em que ele traz um “elixir” simbólico à sociedade, algo transformador. No caso de Percy, seu elixir é o senso de justiça coletiva e o compromisso com uma mudança estrutural no mundo dos semideuses, como se vê quando exige que todos os filhos dos deuses sejam reconhecidos e tratados com igualdade, quando ele diz: “A partir de agora, quero que vocês reconheçam

devidamente os filhos dos deuses, todos os filhos... de todos os deuses.” (Riordan, 2014, p. 354).

Ao abdicar do privilégio pessoal em nome de uma proposta coletiva, Percy redefine o papel do herói: não mais aquele que domina os outros, mas aquele que transforma estruturas em benefício do grupo. Essa escolha revela um amadurecimento ético que interfere no padrão do herói clássico e fortalece sua identificação com os leitores jovens. Portanto, o novo modelo de heroísmo, mais ético e reflexivo, reforça o papel formativo da literatura infantojuvenil, como destaca Ana Maria Machado (2009, p. 37): “O personagem da boa literatura infantojuvenil não precisa ser perfeito, mas deve carregar contradições, dilemas e possibilidades de crescimento. É por meio de sua trajetória que o leitor também amadurece e aprende a lidar com suas próprias escolhas”. É dessa forma que Percy Jackson encarna esse tipo de herói ao longo de sua jornada, especialmente no desfecho de *O Último Olimpiano*, quando declina a proposta de ser eterno oferecida pelos deuses e exige uma nova conduta por parte deles: “Quero que vocês jurem pelo rio Estige. Façam um juramento solene de que reconhecerão todos os seus filhos”. (Riordan, 2014, p. 354). Nesse momento, Percy pensa em justiça para os outros — um gesto que revela maturidade, senso coletivo e compromisso com a transformação do mundo ao seu redor. Ele é um herói falível, que aprende com seus erros e toma decisões difíceis, justamente como defende Ana Maria Machado: um personagem que forma o leitor ao revelar que crescer é também assumir responsabilidades éticas.

Ao apresentar um herói que evolui por meio da escuta, da empatia e da consciência coletiva, Riordan contribui para uma mudança significativa na representação do herói no imaginário juvenil. Percy não se destaca apenas por vencer monstros ou cumprir profecias, mas por ser capaz de transformar sua dor, suas dúvidas e sua experiência em ações concretas de mudança social — superando, assim, o arquétipo clássico e oferecendo um novo paradigma de liderança.

Portanto, percebe-se a ressignificação do herói — de uma figura glorificada e solitária para um agente ético e coletivo — confirma a potência simbólica da narrativa de *O Último Olimpiano*. Ao final da obra, Percy afirma: “Vocês, deuses, deveriam estar envergonhados de si mesmos. A guerra aconteceu por causa de como vocês tratam seus filhos!”. (Riordan, 2014, p. 356). Assim, Percy altera o arquétipo do herói tradicional que busca apenas vitória ou glória, e assume o papel de alguém que confronta a injustiça e propõe transformação. Sua jornada deixa de ser uma missão individual e se converte em um processo de amadurecimento coletivo. Ao articular elementos como identidade, empatia e responsabilidade, Rick Riordan oferece ao leitor jovem uma imagem de heroísmo mais humana, reflexiva e formadora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano*, último volume da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan. A partir do estudo da *A Jornada do Herói*, proposto por Joseph Campbell (2007), e da perspectiva formativa da literatura infantojuvenil defendida por autores como Ana Maria Machado (2009), buscou-se compreender como o percurso de Percy representa mais do que uma aventura mitológica: configura-se como um processo simbólico de transformação ética, emocional e social.

A análise demonstrou que Percy Jackson não se encaixa plenamente no modelo tradicional do herói clássico. Embora seja filho de um deus do Olimpo e enfrente inimigos poderosos, sua trajetória é marcada por falhas, dilemas internos e escolhas movidas por empatia, escuta e senso coletivo — traços que o afastam do arquétipo heroico grego e o aproximam de um novo paradigma de liderança. O ponto de virada ocorre quando Percy decide confiar em si e abdicar da imortalidade, evidenciando uma maturidade que se concretiza não pela conquista

pessoal, mas pela capacidade de enxergar o outro, de promover justiça e de transformar estruturas.

Observou-se que a saga apresenta, de forma progressiva, a construção dessa maturidade desde o primeiro livro, onde Percy é retratado como impulsivo e inseguro, sendo que em *O Último Olimpiano*, ele enfrenta sua maior prova: derrotar o inimigo e tomar decisões que exigem sacrifício e compaixão. Esse gesto final — que não resulta em glória pessoal, mas em mudanças estruturais no Olimpo e na valorização dos semideuses marginalizados — transforma Percy em um agente de ruptura e renovação. Nesse sentido, ele encarna o que Joseph Campbell (2007, p. 221) define como o “retorno com o elixir”: o momento em que o herói retorna ao seu mundo não com recompensas pessoais, mas com uma dádiva capaz de beneficiar toda a comunidade.

Além da análise da construção narrativa, este estudo também evidenciou a relevância da literatura infantojuvenil como espaço de formação ética e social. Conforme argumenta Ana Maria Machado (2009), a literatura destinada ao público jovem deve ser capaz de provocar reflexão e oferecer referências que ajudem o leitor a lidar com suas próprias questões existenciais. A trajetória de Percy, repleta de conflitos, perdas e superações, apresenta-se como uma metáfora potente da adolescência, permitindo ao leitor se identificar com o personagem e, a partir disso, refletir sobre responsabilidade, escolhas, empatia e pertencimento.

Em síntese, Percy Jackson não encerra apenas uma jornada pessoal ao final de *O Último Olimpiano*. Ele inaugura uma nova possibilidade de heroísmo: aquele que nasce da escuta, da renúncia e da construção coletiva. Sua história nos convida a rever os valores associados ao poder e à liderança e nos mostra que, muitas vezes, o verdadeiro herói é aquele que transforma a si mesmo para, em seguida, transformar o mundo ao seu redor. Além disso, é importante ressaltar como a escolha de Riordan por narrar a história Percy Jackson contribui diretamente para o amadurecimento e permite que o leitor acompanhe os pensamentos, inseguranças e contradições internas de Percy, construindo uma narrativa íntima e progressiva. Essa perspectiva subjetiva favorece o envolvimento emocional e ético, permitindo que jovens leitores se identifiquem com o personagem e, por meio dele, reflitam sobre suas próprias experiências de crescimento. Assim, a jornada do herói se entrelaça com a de autoconhecimento do leitor, ampliando o alcance formativo da obra.

Desse modo, ao ressignificar o arquétipo heroico e aproximá-lo da realidade juvenil contemporânea, Rick Riordan contribui para a renovação da mitologia dentro da literatura, mas também para a valorização do protagonismo juvenil em contextos sociais. Percy não é um herói que dita ordens de cima de um pedestal divino: ele escuta, aprende e compartilha decisões. Seu amadurecimento inspira, não por ser perfeito, mas por ser realista e acessível. Assim, *O Último Olimpiano* e a saga como um todo consolidam-se como obras que transcendem o entretenimento, oferecendo ao leitor jovem uma narrativa instigante como uma ferramenta simbólica para lidar com suas próprias transformações.

A obra de Riordan articula fantasia e crítica social ambientada em um universo mitológico reimaginado, aborda temas profundamente humanos e atuais, como reconhecimento e responsabilidade institucional do Olimpo. Daí, a exigência de Percy por mudanças espelha demandas por justiça social e igualdade que ecoam nas vivências dos jovens leitores. Essa intersecção entre ficção e realidade amplia a relevância pedagógica da obra e reforça seu potencial como instrumento de reflexão crítica.

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano*, investigando como suas decisões e ações refletem o fechamento de sua jornada heroica. A pesquisa buscou responder à pergunta-problema: **como o amadurecimento de Percy Jackson em *O Último Olimpiano* é simbolizado por suas decisões e ações altruístas, e de que forma essas escolhas representam o encerramento de seu ciclo como herói?** A análise demonstrou que o objetivo foi atingido, pois se identificou que as escolhas de

Percy — como recusar a imortalidade e priorizar o bem coletivo — confirmam a hipótese inicial: seu amadurecimento é construído por meio de decisões que envolvem sacrifício pessoal, senso de responsabilidade e compromisso com a transformação social.

Enfim, pode-se afirmar que *O Último Olimpiano* não apenas encerra uma narrativa de aventura, mas firma-se como um ponto culminante de uma construção literária que dialoga com os desafios do progresso juvenil. A jornada de Percy Jackson reflete uma evolução que é tanto pessoal quanto simbólica — uma travessia que transforma o protagonista, mas também aquele que o acompanha em sua leitura. O herói que emerge ao final da saga carrega a consciência de que o verdadeiro poder reside na empatia, no diálogo e na capacidade de construir um mundo mais justo.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **A jornada do herói**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Infância e literatura**: ensaios. São Paulo: Global, 2009.

MONTANDON, Luciene; GAMBARO, Ana Carolina. A construção da identidade em Harry Potter: uma análise sobre o amadurecimento do herói na narrativa fantástica. **Revista Transversal** – PUC Minas, v. 11, n. 2, p. 2–4, 2013.

PEREIRA, Larissa Queiroz. As releituras do herói homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 18, n. 1, p. 66–68, 2024.

RIORDAN, Rick. **O Último Olimpiano**. 2. ed. Trad. Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. (Percy Jackson e os Olimpianos; v. 5).

SCHEIDT, Rodrigo. A nova face de Perseu: uma leitura de Percy Jackson como herói contemporâneo. **Revista Entreletras**, v. 11, n. 2, p. 1–10, 2020.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.